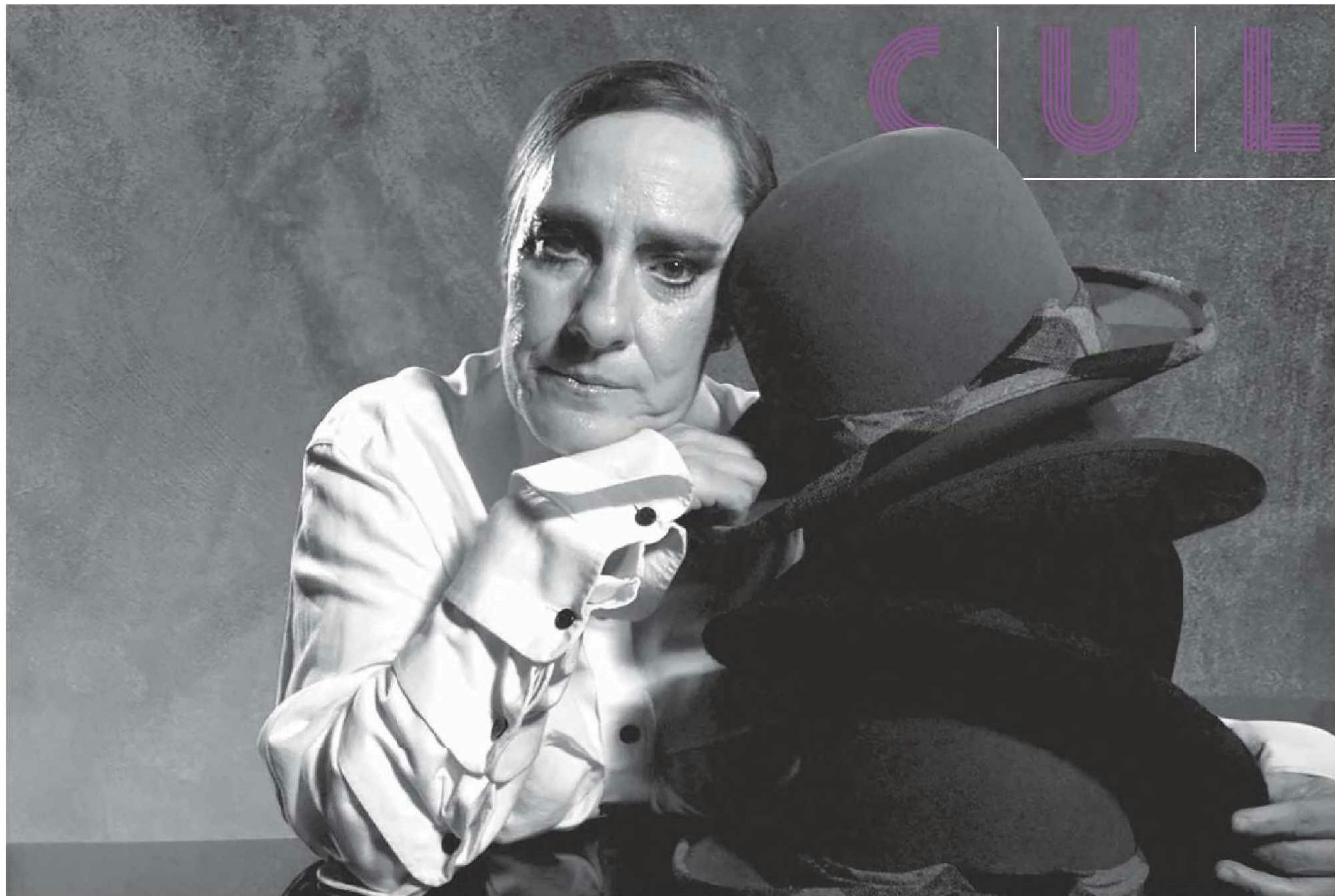




C U I L

T

U

R

A

O riso esteve sempre cercado, diz Maria Rueff ao JN: “Já na altura do Bobo da Corte, se a graça não agradasse ao rei, o Bobo é que era morto”

Maria Rueff faz investigação sobre o riso como forma de cura do Mundo

Atriz procura origens do humor em nova peça em Almada. Aos sábados há debates com o público e hoje o convidado é Ricardo Araújo Pereira

Patrícia Naves
cultura@jn.pt

TEATRO Uma série de conversas com o público sobre as origens do riso e as suas relações com o poder, a religião, os humoristas que lhe dão vida e até sobre os benefícios do humor para a saúde mental, arranca hoje em Almada, no Teatro Municipal Joaquim Benite.

“Nada é profundamente triste, tudo é cómico” é o título para estas cinco sessões que juntam a atriz

Maria Rueff, um convidado diferente a cada semana, e uma audiência que se quer participativa. As sessões, que se pretendem terapêuticas, vão acontecer todos os sábados de novembro, pelas 18 horas. A entrada é gratuita.

“Quem está no palco quando se está no palco: a origem do riso, a sua relação com o poder, o cómico e a censura” é o tema da primeira conversa, já hoje, com o humorista Ricardo Araújo Pereira como convida-

do. Uma escolha óbvia para Rueff, tal como explicou a atriz ao JN.

“Ultimamente, o Ricardo tem feito um trabalho exaustivo do ofício do cómico, do humorista, do comediante, da escrita, do palco. Pelo que não haveria melhor convidado para inaugurar este sítio”, reforça a atriz.

Ao longo das cinco semanas, fala-se-á também sobre saúde mental ou religião, com convidados como o escritor Paulo

Morgado e o encenador António Pires.

MATAR O MENSAGEIRO

Mas este primeiro encontro assenta sobretudo na relação do riso com o poder e no sempre atual tema dos limites do humor e da sua encruzilhada com os limites da liberdade de expressão. “Este cancelamento, a que o riso vai estando sujeito, mundialmente”, refere Rueff, “foi sempre assim, como podemos ver ao longo da história: já na altura

do Bobo da Corte, se a graça não agradasse ao rei, o Bobo é que era morto”.

As conversas bebem inspiração do italiano Aldo Palazzeschi (1885-1974), autor do manifesto futurista “A contrador”, que Maria Rueff descobriu numa exaustiva pesquisa sobre o riso a que se propôs.

“ELOGIO DO RISO”

Estas sessões de debate com o público suportam o novo espetáculo da atriz: “Elogio do riso”, peça de Hajo Schüller, Rodrigo Francisco e Maria Rueff, que também o protagoniza, e que estreou ontem pela mão da Companhia de Teatro de Almada.

Quais são as origens do riso, como evoluiu o humor, qual o seu papel e formas, são algumas das perguntas para as quais a atriz portuguesa se empenhou em encontrar respostas, numa busca partilhada com Rodrigo Francisco, encenador e diretor artístico da Companhia de Teatro de Almada.

“Isto partiu de um desejo meu, de há muito tempo, de homenagear o papel da

comédia, dos comediantes, o imaginário dos nossos cómicos portugueses, do palco ao cinema”, refere.

A Companhia da Almada, com quem Rueff já trabalhara em “Nathan, o sábio”, de Gotthold Efraim Lessing, em 2018, aderiu à ideia, o que despoletou “um trabalho de pesquisa exaustivo, da função do riso ao longo da história. Como é que foi tratado, o poder, as religiões, qual o seu papel terapêutico” – tudo isto são perguntas que permanecem atuais, reforça a humorista ao JN, tendo chamado o encenador alemão Hajo Schüller para dar corpo às inquietações.

Trata-se de “uma criação do zero”, destaca a atriz, sobre a chegada de uma companhia inglesa que vai montar uma tragédia, “porque, no fundo, em quase todos os pensadores, percebe-se que o riso nasce da tragédia. São os dois géneros fundadores de teatro clássico, humor e drama”, conclui Rueff. A peça estará em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, até ao dia 30 de novembro. ●